

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO
CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira,
E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho
Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA
Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00
Assinatura anual 30\$00

ANO XXIII

MARÇO DE 1962

N.º 186

Maravilhoso Jesus

B. A. B.

(CHORUS)

Benjamin A Baur



Semana
de
Oração
dos
MV

Ma - ra - vi - lho - so és meu Mes - tre! Qual Tu não há nin - guém!

Ma - ra - vi - lho - so és meu Mes - tre! És pa - ra mim su - pre - mo bem.

a tempo Ma - ra - vi - lho - so és meu Mes - tre! *ffz* Te - nho - Te i - men - so a - mor

Be - lo entre os be - los Tu és, Meu Rei e Sal - va - dor.

*Maravilhoso Jesus
Tu és meu bom Senhor
Maravilhoso Jesus
Único eterno Salvador
Maravilhoso Jesus
Minha alma aspira a Ti
Único e bom Senhor
És tu Jesus p'ra mim*

17 a 24 de Março
de 1962

Jesus o Centro da Nossa Vida

Um jornalista dirigiu-se a seis pessoas, em ruas de Nova Iorque e perguntou-lhes: «Qual foi o principal acontecimento da História?»

As respostas foram diversas, como é natural.

Um dos transeuntes disse: a fundação de Jamestown pelos Ingleses.

O segundo disse: a derrota dos Sarracenos em Tours.

O terceiro respondeu: a desintegração do átomo.

O quarto disse: a derrota dos Japoneses.

O quinto disse: a invenção da roda.

O sexto, que era um estudante de catorze anos disse: o nascimento de Jesus Cristo.

Não há dúvida de que o jovem estudante exprimiu uma verdade que ninguém pode negar. Este jovem reconheceu a importância de colocar Jesus no centro de todas as actividades da vida. Está de acordo com o Apóstolo quando este escreve: «Para mim o viver é Cristo» (Filipenses 1:21).

Efectivamente, o centro da vida do Apóstolo Paulo era «Jesus Cristo, e Este crucificado:» (I Coríntios 2:2).

Há tempos um escritor cristão declarou que o raio da vida depende do seu centro. É uma das grandes lições da vida. De facto, conforme o que colocarmos no centro da nossa vida, assim será toda a nossa actividade.

Disse John Wesley: «Sou um homem enviado por Deus para persuadir os outros homens a colocarem a Jesus no centro de todas as suas relações».

Os crentes de Antioquia colocaram a Jesus no centro das suas pregações; assim se compreende a razão do seu êxito. Foram eles os primeiros a serem chamados Cristãos, porque Jesus Cristo era o centro da vida deles. Outro escritor expressou a mesma verdade, quando disse: «O Cristianismo é aquilo que uma pessoa pensa, aquilo que sente e aquilo que efectua acerca de Jesus Cristo».

Um grande admirador de Spurgeon falava, certa vez, com um amigo a quem elogiava excessivamente o seu ídolo, o famoso Spurgeon. O amigo, que nunca tinha visto Spurgeon sentiu-se movido a ir ouvi-lo. Quando encontrou o amigo e este lhe perguntou que tal achara Spurgeon, aquele amigo respondeu: «Nada de especial, pois só lhe ouvi falar do Salvador com todo o entusiasmo».

Um verdadeiro cristão deve colocar, hoje, a Jesus, como centro de todas as suas relações.

Certo sapateiro, bom cristão, dizia com toda a propriedade:

«Em primeiro lugar, Jesus; em segundo lugar, a família; em terceiro lugar, os sapatos.»

Frequentemente, colocamos as nossas ocupações, em primeiro lugar. A Sagrada Escritura diz-nos claramente que procuremos em primeiro lugar o reino de Deus, e todo o resto ser-nos-á acrescentado.

«Esta verdade (a Mensagem do Terceiro Anjo), com as outras incluídas na Mensagem, tem de ser proclamada; mas o grande centro de atracção que é Cristo, não deve ficar de fora.» (Obreiros Evangélicos, p. 156).

Deixando a Jesus de fora

Já alguma vez ficou de fora de um prédio? Já ficou de fora de um autocarro? É, realmente, aborrecido, quando ficamos na rua ou perdemos um autocarro ou um comboio. Mas o pior é que muitas vezes somos nós os culpados. Ficamos na rua, porque não chegamos a tempo, ou nos esquecemos da chave; perdemos o comboio, porque chegamos atrasados.

Também, muitas vezes, por nossa culpa, Jesus fica de fora do nosso coração.

Por isso as nossas experiências cristãs são deficientes, porque não temos Jesus nos nossos corações.

Numa casa de antiguidades ha-

via uma garrafa, que tinha dentro a cena da crucificação, com o Calvário, as três cruzes, e as pessoas que habitualmente se representam. Ali estava tudo metido dentro de uma garrafa. Assim acontece conosco: temos toda a nossa vida espiritual engarrafada, impedindo assim que o poder de Deus se manifeste nas nossas vidas.

Jesus chama-nos a todos nós

Com respeito às nossas deficiências, bem sabemos que Jesus as pode suprir e valer-nos em tudo. O Salvador responde a todas as situações e em todas as circunstâncias.

Para o artista é Ele a Suprema Beleza.

Para o arquitecto é Ele a Pedra de Esquina.

Para o padreiro é o Pão da Vida.

Para o banqueiro é o Tesoureiro Celestial.

Para o construtor é o Firme Alicerce.

Para o médico é o Autor da Vida.

Para o educador é o Grande Mestre.

Para o agricultor e o Semeador é o Senhor da Seara.

Para a florista é o Lírio do Vale e a Rosa de Sharon.

Para o geólogo é a Rocha Eterna.

Para o juiz é a Suprema Justiça.

Para o jurista é o Conselheiro, o Advogado.

Para o jornalista é a Boa Nova.

Para o filântropo é o Dom Indizível.

Para o filósofo é a Sabedoria de Deus.

Para o pregador é a Palavra de Deus.

Para o que está só é o Amigo mais chegado que um irmão.

Para o servo é o Bom Senhor.

Para o trabalhador é o Repouso Amoroso.

Para o triste é o Supremo Consolador.

(Continua na página seguinte)

Para o finado é a Ressurreição e a Vida.

Para o pecador é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Para o Cristão é o Filho do Deus Vivo, o Salvador, o Redentor, o Senhor.

A grande necessidade do mundo

«O mundo necessita hoje aquilo de que necessitava há mil e novecentos anos: — uma revelação de Jesus». — *Ministry of Healing*, p. 143).

Bastas vezes dizemos e cantamos: «Tenho necessidade de Jesus», mas prestamos pouca atenção ao que estamos a dizer.

Tomamos nós a Jesus como Modelo e Guia das nossas vidas? Se Jesus for o centro das nossas vidas, forçosamente teremos de O manifestar aos outros.

Temos de O manifestar em todos os actos da nossa vida.

Tal manifestação tem de provir de uma alma que tenha Jesus como seu centro. O amor de Deus foi-nos revelado através do seu Filho. Em resposta, temos de manifestar o amor de Jesus ao mundo.

Temos que preparar lugar para Jesus

Uma das coisas mais trágicas que podem acontecer é a de não termos nenhum lugar, nas nossas vidas para Jesus. Recordemos aqueles dois pobres viajantes que chegaram, de noite, a uma terra estranha, onde não encontraram nenhum lugar para pernoitar; tiveram de se dirigir para um estábulo e foi aí que Jesus nasceu. São, porventura, algumas das mais tristes palavras registadas na Bíblia, as que Lucas emprega, quando escreve: «não havia lugar para eles na estalagem». (Lucas 2:7).

Jesus nasceu fora de portas e pode dizer-se que passou a sua vida a procurar entrar no coração dos homens. Nunca se preocupou com assuntos de ordem política ou meramente temporais. O seu desejo é o de ser chamado a entrar no coração humano.

Uma certa jovem viu, uma vez, o conhecido quadro de Holman

Hunt que representa Jesus a bater a uma porta. Perguntou ao pai por que é que Jesus estava a bater a uma porta; o pai disse-lhe que aquela porta representava o coração dos homens. Então a criança acrescentou:

— Papá! E Jesus vai mesmo entrar nos nossos corações?

Eis uma pergunta a que só cada um de nós pode responder. Como respondemos nós? Já abrimos a porta do nosso coração a Jesus, franqueando-lhe a entrada. E se ainda a não abrimos, quais são as nossas disposições, agora mesmo, a tal respeito?

Como é que Jesus entra no nosso coração

É natural que façamos a nós mesmos a seguinte pergunta: «Que é que eu devo fazer para tornar Jesus o centro da minha vida?»

O processo é muito simples. Entreguemo-nos, completamente, a Jesus que Ele não deixará de tomar conta da nossa vida. Temos de ir para Jesus, tal como nos encontramos.

Na oração de Jesus lemos: «E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem enviaste». (João 17:3).

O segredo da nossa vida não está, efectivamente, naquilo que possuímos, mas pelo contrário naquilo que nos possui a nós.

George Matheson tinha razão, quando dizia: «Senhor, torna-me cativo, porque então serei livre».

Um certo missionário adquiriu um relógio-de-Sol para que os nativos pudessem saber as horas. Colocou-o no meio da povoação; mas os habitantes gostavam tanto do relógio que, para não se estragar construíram uma cabana a envolvê-lo para não ser prejudicado nem pelo Sol nem pela chuva.

Ora, Jesus veio a este mundo para nos dizer o tempo do dia, para nos revelar os pensamentos de valor eterno e dar-nos um exemplo da vida que temos de viver. Mas a pretexto de O honrarmos, de O servirmos, também nós construímos cabanas de formalismos e ocupamos o nosso tempo com actividades de interesse simplesmente material.

O famoso escultor alemão Johann Heinrich von Dannecker concebeu a ideia de dar ao mundo, antes de morrer, uma obra-prima que seria admirada para sempre. Pensou que seria uma estátua a melhor coisa para perdurar pelos tempos fora. Começou, então, a trabalhar e produziu as conhecidas estátuas de Ceres, Baco, Sáfio, Schiller e Ariana. Mas von Dannecker não estava satisfeito. Nenhuma destas estátuas lhe dava a impressão de que seriam imortais. Por isso, resolveu entregar-se à meditação e à oração.

Numa das suas meditações leu o seguinte passo da Sagrada Escritura: «E sem dúvida alguma grande é o mistério da piedade». (I Tim. 3:16). Leu várias vezes este passo e resolveu produzir o pensamento e o espírito no mármore. Orou para que Deus o dirigisse.

Laçou-se ao trabalho e esculpiu uma imagem de Jesus. Convidou várias crianças para a verem no seu estúdio. Um dos jovens, depois de alguns momentos de atenção, exclamou: «Deve ter sido um grande homem». O artista ficou desapontado. Não era a impressão de grandeza que ele tinha pretendido traduzir no mármore. Começou a esculpir outra imagem de Jesus. Quando a terminou chamou outro grupo de jovens para a verem. Desta vez houve alguns sorrisos, até que uma jovem, quebrando o silêncio, disse: «Deve ter sido um homem muito bom». Von Dannecker não ficou tão desapontado, como da primeira vez, mas ainda não estava satisfeito.

Fez nova tentativa, com outra estátua. Quando completou a obra, tornou a chamar outro grupo de jovens, cujos rostos ele espiava cuidadosamente. Os rapazes, assim que entraram, tiraram os chapéus e as meninas ajoelharam-se. Von Dannecker sentiu, finalmente, que havia expressado, no mármore, a adoração que ele tinha no coração. Completou a sua obra, e esta estátua constitui, ainda hoje, o orgulho da sua cidade natal de Estutegarda.

Apelo

Prezados jovens, rapazes e meninas! Temos todos nós, hoje, neste momento, uma tal admiração pelo

Unamo-nos a Jesus

Perguntaram certa vez a Daniel A. Poling, editor do *Christian Herald* o que é que ele sabia acerca de Deus. Respondeu simplesmente. «Muitíssimo pouco, mas o que sei acerca de Deus desse muitíssimo pouco, foi suficiente para mudar, completamente toda a minha vida. «É assim que muita coisa depende daquilo que sabemos acerca de Deus. Transcende qualquer outro conhecimento. Tal conhecimento não só muda as nossas vidas, mas é também um dos meios para obtermos a vida eterna.

Jesus assim orou: «E a vida eterna é esta: que te conheçam a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste». (João 17:3).

Todos nós sabemos algo acerca de Deus; temos lido e ouvido dizer muitas coisas acerca de Deus. Mas conhecemos, de facto, quem é Deus e o que Ele representa para nós?

Diz-nos a Irmã White: «Jesus não tem valor para nós, se não O conhecermos como nosso Salvador pessoal». (O Desejado de Todas as Nações, p. 389). O conhecimento da Salvação está centralizado em Jesus. Se nós o conhecemos como tal e os nossos olhos estiverem postos n'Ele, então mudarão as nossas vidas. Tornar-nos-emos novas criaturas; aceitaremos nas nossas vidas o poder que Ele deseja conceder-nos.

nosso bendito Salvador, de modo que sempre, e em toda a parte, estejamos prontos a segui-l'O e a proclamar bem alto, por palavras e actos que é Ele o nosso Salvador?

Estamos prontos a ajoelhar e a proclamá-l'O o Senhor e o Centro da nossa vida?

É Ele, realmente, o centro de tudo o que somos e de tudo o que esperamos vir a ser?

Convidemos, sinceramente, Jesus a entrar no nosso coração, a partir de agora, e para sempre!

A chave de todo o conhecimento é o conhecimento de Deus. «O conhecimento de Deus e de Jesus Cristo expresso em carácter é uma exaltação acima de tudo quanto se possa avaliar na terra e no céu. É a mais alta educação. É a verdadeira chave que abre as portas da cidade celestial. É este conhecimento que Deus pretende que todos possuam para serem conformes a Jesus». (*Ministry of Healing*, p. 457).

O profeta Oseas assim salientou o grande valor do conhecimento: «O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento: porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei». (Oseas 4:6). À letra «por falta de conhecimento». Não se trata de uma determinada espécie de conhecimento humano; trata-se da falta de conhecimento de Deus.

Deus perdoa certas espécies de ignorância; mas não perdoa a cegueira deliberada do conhecimento espiritual. A nossa responsabilidade está relacionada com o conhecimento. Há pessoas que preferem não investigar com o receio de descobrirem verdades que iriam exigir mudanças nas suas vidas. Deus não pode desculpar tal ignorância.

É admirável como Deus dispõe as coisas para que o possamos conhecer. Os céus proclamam a glória de Deus. A música das aves, a beleza das flores, o crescer das plantas, o testemunho da consciência — tudo isto nos fala de Deus. Não há desculpa para não se conhecer a Deus.

Quando sentirmos que não estamos tão unidos a Deus, como dantes, é porque nós mesmos é que nos desviámos, pois Deus, bem o sabemos, é imutável.

Rober Lees pergunta: «Como é que nos sentiríamos se Deus nos dedicasse o mesmo tempo que nós Lhe dedicamos?»

Quando não nos sentimos bem, em casa, com Deus, é porque sabe-

mos que não estamos cumprindo, aí, os nossos deveres. Uma jovem exclamou certa vez: «Quem me dera que Deus não andasse sempre comigo!» Pobre jovem; bem depressa findou miseravelmente!

Quando Mark Twain visitou a Europa com a esposa e uma filha de onze anos, a sua viagem foi um triunfo. Várias Universidades lhe conferiram títulos académicos; foi recebido solenemente em várias instituições oficiais. Quando os três seguiam, sòzinhos, de automóvel, para o porto de embarque para regressarem à América, Mark Twain ia lendo nomes das pessoas que o tinham homenageado. Era uma lista enorme. Foi então que a filha lhe disse: «Papá, parece-me que dentro de pouco tempo conheces toda a gente, menos a Deus».

De nada nos servirá saber muita coisa se não conhecermos a Deus. É menos importante encher a inteligência de coisas sabidas, do que o coração de amor de Deus e do próximo.

A necessidade que o mundo tem de conhecer a Deus

Não há maior necessidade, actualmente, do que conhecer a Deus. Eis a declaração de um médico: «Não sou psiquiatra, mas cirurgião; confesso que tenho curado mais pessoas, tratando-lhes as almas, do que propriamente, retalhando-lhes o corpo com o escalpelo. Cerca de 75 ou de 80 por cento dos meus doentes têm mais necessidade de Deus do que de remédios. É que procuram qualquer coisa que só Deus lhes pode dar».

«Primeira grande lição em toda a educação é a de conhecer e entender a vontade de Deus... Os estudantes nas nossas escolas têm de considerar que o conhecimento de Deus está acima de tudo o mais.» (*Fundamentals of Christian Education*, págs. 414 e 415).

(Continua na pág. seguinte)

O nosso conhecimento acerca de Deus deve ser estritamente pessoal e prático, de modo que modifique as nossas vidas.

Certa professora de uma escola dominical perguntou às alunas: «Por que é que as meninas acreditam em Deus?»

Ouviu numerosas respostas, algumas repletas de fé e outras desprovidas de qualquer interesse. A filha de um pastor respondeu: «Eu creio em Deus, porque Ele vive na nossa casa». Bela e admirável resposta.

Uma outra pequena respondeu com o Salmo 23, dizendo: «Acredito em Deus, porque é Ele o meu Pastor».

Surpreende-nos o facto de haver povos que procuram caminhar sozinho, longe de Deus. Até lutam contra Deus e julgam que é possível progredir sem Ele.

Recentemente, os vermelhos da Alemanha Oriental colaram dísticos nas paredes dizendo: «As nossas searas crescem sem Deus nem o Sol». É que as searas tinham crescido apesar da falta da luz solar normal. Foi por ocasião das festas religiosas tradicionais do país. Passados alguns dias uma violenta trovada destruiu completamente aquelas searas!

Por vezes a justiça de Deus não vem tão depressa. Às vezes demora a conhecer-se o valor da verdade divina.

Em contraste com aquela atitude dos comunistas negando a Deus, temos a seguinte experiência de Billy Graham. Um jornalista perguntou-lhe como é que ele explicava o seu êxito. Respondeu: «A única explicação que eu conheço é Deus».

— Mas por que é que Deus o escolheu a si? — insistiu o jornalista.

— Quando eu for para o céu, disse Graham, perguntar-lhe-ei».

O Bispo Arthur J. Moore diz o seguinte: «Os períodos mais frutuosos da nossa história são aqueles em que o povo tem honrado a Deus e tem praticado a justiça. Quando a religião começa a perigar, também todas as outras coisas perecem».

O que é que significa conhecer a Deus

Toda a diferença no mundo se resume a conhecer ou a não conhecer a Deus. Algumas pessoas parecem viver satisfeitas sem este conhecimento. «Une-te, pois a ele, e tem paz, e assim te sobrevirá o bem». (Job 22:21).

O conhecimento de Deus faz mudar as nossas vidas. Automaticamente desejamos ser semelhantes a Deus, quando nos procuramos unir a Ele. Efectivamente o conhecimento de Deus tende a manifestar que amamos a Deus. «Aquele que não ama, não conhece a Deus». (I João 4:8). Eis o padrão — não há conhecimento, não há amor.

O apóstolo João também nos diz algo a este mesmo respeito. «Aquele que diz eu conheço-O, e não guarda os seus Mandamentos, é mentiroso.» (I João 2:4). Quando conhecemos, obedecemos. Quando amamos a Deus, toda a nossa vida se nos apresenta com outras perspectivas. Disse muito bem W. M. Mac Gregor de Glasgow: «Quando um homem vai para Deus, é como se tivesse olhado para o outro lado do céu, vendo as mesmas coisas mas sob outro ponto de vista.»

Caminhos para conhecer a Deus

A nossa relação com Deus é verdadeiramente mútua. Deus conhece-nos e quer que nós também O conheçamos. O seu conhecimento a nosso respeito é absoluto, portanto infinito, ao passo que o conhecimento que nós temos d'Ele é finito, podendo, portanto, ir sempre aumentando. Até mesmo por toda a eternidade, este mesmo conhecimento irá sempre crescendo.

Vejamos, agora, como é que poderemos começar a conhecer a Deus.

O Salmista sugere: «Aquietai-vos e sabeí que Eu sou Deus.» (Salmo 46:10). Muita coisa nós podemos aprender acerca de Deus, quando nos encontramos calmos, pois a meditação ensinar-nos-á o que Deus tem para nos comunicar.

«O pecado não só nos afasta de Deus, mas também destroi na alma humana tanto o desejo como a capacidade de conhecer a Deus.» — *Educação*, p. 28.

Sabemos que temos de conhecer a Deus através do Seu Filho. Um dos grandes objectivos de Jesus, quando veio a este mundo foi o de nos unir com o Pai.

Quando Jesus veio a esta terra, não foi recebido pelos homens. Até o próprio João Baptista, o seu grande precursor, perguntou: «És tu, aquele que havia de vir, ou esperamos outro?»

Os próprios discípulos esperavam que Ele fosse um rei, mas Jesus tomou uma bacia e uma toalha e lavou-lhes os pés.

Pensavam os homens do seu tempo, que seria recebido entre os grandes do mundo; mas sentou-se à mesa com os publicanos e os pecadores.

Esperavam que fizesse chover fogo do céu, mas disse-lhes: «Amai os vossos inimigos... fazei bem aos que vos maltrataram.»

Pensavam que haveria um limite para o perdão, mas Jesus disse-lhes: «Perdoai, setenta vezes sete.»

Pensavam que observaria os preceitos farisaicos, mas disse-lhes: «Não é o que entra pela boca que contamina, mas o que sai da boca.»

Pensavam que não se preocuparia com as crianças, mas disse-lhes: «Qualquer que escandalizar um destes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha e se submergisse na profundidade do mar.»

Pensavam que o reino de Israel pertencia, apenas, a Israel, mas Jesus disse-lhes: «Os mansos... herdarão a terra.»

Pensavam que chamaria doze legiões de anjos, mas deixou-se levar como um cordeiro para o matadouro.

Foi crucificado porque não se conformou com a prática e com os costumes do mundo. Veio para nos revelar o amor de Deus. Veio para que pudéssemos conhecer e acreditar em Deus. É nosso privilégio conhecermos Deus e reflectirmos este conhecimento entre aqueles com os quais contactamos.

Jesus é um Ser real

Policarpo, bispo de Esmirna que viveu nos inícios do século II foi conduzido prisioneiro, já de idade avançada, perante o governador de Roma.

— «Vou expulsar-te» ameaçou-o o governador.

— «Nada poderás fazer contra mim — respondeu o velho bispo — porque em qualquer parte que eu esteja, aí estarei com o meu Senhor, Jesus Cristo.»

— «Vou confiscar-te os teus bens» — disse o governador.

— «Eu nada tenho — replicou Policarpo. Mas nada me falta, porque possuo a Jesus Cristo.»

Perante todas as outras ameaças do governador, o fiel cristão respondeu com calma, demonstrando toda a sua confiança no Salvador. Finalmente, o governador anunciou que iria lançá-lo às feras.

O mártir ergueu os olhos para o céu e exclamou:

— «Já há muito que desejo encontrar-me com o meu Salvador, pois sei que o meu Salvador me ressuscitará para viver para sempre com Ele na sua glória.»

Policarpo foi morto, dando testemunho da sua fé no Senhor Jesus.

Todos aqueles que acreditam na realidade de Jesus Cristo devem estar prontos a dar a sua vida por Ele.

De uma maneira especial os jovens têm o privilégio de dar realidade a Jesus nas suas vidas, pois podem dirigir todas as actividades das suas vidas de acordo com a ideia de que Jesus está sempre presente e com eles partilha das suas vidas.

Colocando a Jesus, em primeiro lugar nas nossas vidas, damos aos outros a impressão de que realmente acreditamos n'Ele, e que está perto de nós, desejando sempre a sua presença e amável companhia, de modo a não fazermos nada sem Jesus.

O evangelista Lucas conta-nos aquela interessante experiência dos

dois discípulos que caminharam, durante algum tempo com Jesus, em direcção de Emaús. A princípio aqueles discípulos não reconheceram o Senhor naquela conversa inesquecível. Quando voltaram para trás a relatar aos discípulos o que lhes tinha acontecido e que tinham visto o Mestre ressuscitado, disseram: «Porventura não ardia em nós o nosso coração, quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?» (Lucas 24:32).

Jesus estivera com eles e os seus corações palpitavam de alegria.

A realidade de Jesus

Infelizmente, muitos jovens há — segundo o exemplo de muitos adultos — que são levados a acreditar que Jesus não é o que d'Ele se diz. Consideram-n'O como um grande homem, um notável filósofo, mas apenas um simples homem, sem nenhum atributo divino, e muitos menos, sem ser o nosso Salvador.

A Enciclopédia Soviética para 1950-51 dá a seguinte definição de Deus: «Personalidade inventada misticamente. O materialismo progressivo e a marcha científica não podem conciliar-se com a fé num Deus... Um dos mais altos deveres de educação progressiva do homem soviético é o da destruição de toda a sobrevivência da religião e da fé em Deus.»

Que mudança se operaria no mundo se cada jovem fizesse de Jesus o seu Amigo pessoal. Desapareceriam todas as dificuldades desde que Jesus se tornasse, para todos, realmente, o Redentor, o Rei e o Companheiro, mediante a vida vivida intimamente com Ele.

Certo professor, era muito admirado e apreciado pelos seus discípulos, que o distinguiram com todas as espécies de deferências. A sua vida sempre calma e metódica intrigava os jovens estudantes.

Tiveram curiosidade de descobrir o segredo daquela vida. Um dos jovens resolveu espiá-lo. Introduziu-se, às escondidas, no quarto do velho professor e esperou. O professor regressou tarde e com sinais de cansaço. Sentou-se, abriu a Bíblia, que esteve lendo, durante uma hora. Levantou-se e ajoelhou-se, orando, durante muito tempo. Terminou dizendo, em voz alta: «Bom, Senhor Jesus, ainda nos encontramos nas mesmas relações.»

O segredo da sua vida amável e atraente, estava, evidentemente, no seu companheirismo com Jesus.

A realidade da presença de Jesus

Há já alguns anos, um grupo do MV encontrou-se com o capelão do Hospital Fitzsimons, onde então estava a ser tratado o Presidente Eisenhower. Os nossos jovens conversaram com o capelão acerca da doença do Presidente. O capelão revelou que quando entrava no quarto do enfermo tinha a impressão de que um Ser divino ali estava presente, porque os esposos Eisenhower acreditavam na presença de Jesus, entre eles.

Há muitas forças no mundo, que por vezes se desencadeiam umas contra as outras. É fácil esquecermo-nos de que as forças espirituais do amor, da fé e da verdade são, precisamente, tão reais como as outras forças que se nos tornam evidentes, através do mundo. Bem sabemos que o homem pode desintegrar o átomo, mas esquecemo-nos de que só Deus é que foi capaz de o formar.

A realidade de Jesus destaca-se nas nossas vidas, quando O seguimos e quando manifestamos a nossa fé em tudo quanto fazemos.

Aquela pessoa que não diz às outras o seu amor por Deus nem a próxima Volta do Senhor não as

impressiona com a sua fé na realidade de Jesus.

Um dos maiores testemunhos jamais dado acerca de alguém, encontra-se registado nos Actos a respeito de Pedro e de João: «E tinham conhecimento de que eles haviam estado com Jesus». (Actos 4:13). Foi para eles uma experiência real, e que não podiam ocultar dos outros; davam realmente, testemunho de que viviam com Jesus.

Durante o Verão de 1950, um grupo de jovens estava a preparar-se para trabalhar na América Latina, nos serviços de evangelização. Disseram que um pastor, da cidade de La Paz, na Bolívia lhes tinha dado a sua maior oportunidade. Disse-lhes assim: «Como já devem ter observado, em quase todas as igrejas, existe, à entrada um cruzeiro. Pois bem; tais cruzeiros de pedra permanecem em cima de pedras. Esforcem-se por colocar a cruz no coração dos homens.»

«Os anjos movem-se em torno do espírito humano, procurando levar os perdidos até Jesus de modo a ficarem unidos ao Salvador muito mais estreitamente do que eles próprios podem pensar. (*O Desejado de todas as Nações*, p. 21).

Certa vez Edwin Booth que devia dar um espectáculo em Londres foi aconselhado pelos colegas e pela direcção a adiarem a representação, porque a casa estava vazia; apenas nas últimas filas é que havia público. Booth porém, respondeu: «Não pode ser. Lembrem-se de que o rei está sempre em todas as representações. Representemos para ele». E o espectáculo decorreu muito bem. Dois dias depois, Booth recebeu uma carta de felicitações da parte do rei.

Em certo sentido, mas real, também o Rei do universo se encontra sempre junto de nós assistindo a todas as nossas acções, observando como nos comportamos; caminha a nosso lado dando-nos conforto, e guiando-nos.

O carpinteiro João era um homem que acreditava, profundamente, na realidade de Jesus. Uma vez um vizinho perguntou-lhe por que é que ele quando caminhava, dava a impressão de que ia acompanhado, quando afinal de contas, ia

sòzinho. Explicou, então, que bem sabia que ia acompanhado de Jesus e por isso procedia assim, porque O levava a seu lado.

As nossas relações também devem ser assim com o cunho da realidade.

Devem ser tão reais como as do empregado e do operário com o patrão, tal como as relações entre o pai e o filho, ou entre o professor e o discípulo.

Enoque andou com Deus, sentindo, perfeitamente, a presença de Deus, a presença real de Deus. Abraão sentado à porta da sua tenda deu as boas vindas a Jesus e aos dois anjos. Tudo isto foi real. Moisés encontrou Jesus no Monte Horeb, na sarça ardente. Josué perto de Jericó encontrou o Capitão do exército do Senhor, com uma espada na mão. Todas estas experiências foram reais.

Hoje, com os olhos da fé, também nós podemos ter as mesmas experiências. Vemos a bondade de Deus, as manifestações do seu poder, contemplamos o seu amor por nós, e podemos sentir a sua presença.

Leslie D. Weatherhead conta-nos o seguinte acerca de um escocês que procurou tornar real a sua fé na presença de Jesus. Tendo o citado escocês adoecido mandou chamar o seu pastor; quando este entrou no quarto do doente notou, com surpresa que ao lado da cama estava uma cadeira rica, desocupada. O escocês explicou assim a presença da cadeira. «Quando eu ainda era novo, sentia dificuldade em orar, à noite, porque me dava o sono. Então o meu pastor aconselhou-me a orar sentado e a colocar ao meu lado outra cadeira, imaginando que Jesus estava ali sentado. Desde então nunca mais deixei de ter ao meu lado uma cadeira, na qual considero que Jesus está sentado ao meu lado». Passados poucos dias a filha daquele escocês foi procurar o pastor e disse-lhe, muito triste que o pai havia falecido durante a noite, sem ninguém ter dado por isso. «Quando entrei no quarto para o ver — acrescentou a jovem — fiquei com a impressão de que ele estava a dormir. Mas estava morto; o rosto reflectia

uma tranquilidade indizível e esboçava um sorriso de confiança. Mas há uma coisa que muito nos admirou. O pai estava perfeitamente deitado, recoberto com a roupa da cama, mas tinha o braço fora do leito e a mão fechada na direcção da tal cadeira vazia. Não é esquisito? O pastor respondeu: Não é esquisito. Eu sei o que isso significa». O escocês habituara-se a viver com Jesus, durante o resto da sua vida, e Jesus, no momento da morte do seu fiel amigo aparecera-lhe visivelmente, na cadeira que sempre lhe havia reservado e estreitara-lhe a mão.

«A nossa vida deve ser pautada pela vida de Jesus». — (*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 6, p. 98).

Aproximemo-nos de Jesus

Talvez saibamos por experiência que é um pouco difícil aproximar-mo-nos dos grandes deste mundo. Talvez já tenhamos tentado ser recebidos por pessoas altamente colocadas, que se fazem rodear de toda a espécie de dificuldades e de complicações. É difícil, por vezes, chegar até junto dessas pessoas.

Com Jesus não sucede nada disto. Sendo o Rei dos reis, o Senhor dos senhores não apresenta nenhuma dificuldades para nos aproximarmos d'Ele. Podemos falar-Lhe a todo o momento. Podemos dirigir-nos directamente a Ele, sempre que quisermos, e sem intermediários.

Muita gente diz que quer encontrar a Deus, dando a impressão de que O perderam. Deus não se perdeu. Pode encontrar-se em toda e qualquer experiência humana. Nós é que nos temos afastado d'Ele. Portanto nós é que temos de O procurar, pois Ele está sempre pronto a receber-nos e a acarinhá-nos, desejando que a nossa experiência seja uma experiência da sua presença real.

Uma senhora escocesa, já idosa, que vivia só, durante grande parte do dia assim respondeu a alguém que lhe perguntava o que fazia quando estava só: «Pego no meu hinário e canto hinos de louvor a Deus. Depois pego na Bíblia e

O segredo da nossa transformação: contemplar a Jesus!

Conta-se a seguinte história acerca de um príncipe, que era corcunda. Contrastado com o seu defeito físico que todos lamentavam o príncipe resolveu pedir a um escultor que o esculpisse, mas sem a corcunda, tal como ele seria se não tivesse aquele tão triste defeito. Assim ficou radiante com a sua estátua que o representava no aspecto de um jovem esbelto, elegante e desempenado, tal como ele gostaria de ser. Mandou colocar a estátua num recanto do jardim, onde só ele entrava, passando longas horas a contemplá-la. Com o decorrer do tempo — acrescenta a lenda — o príncipe começou a ficar direito, até que lhe desapareceu a corcova, tornando-se no homem que sempre desejaria ter sido.

É claro que se trata de uma história de pura imaginação, mas a verdade é que traduz uma grande verdade. É certo que nos podemos transformar, intelectual e moralmente, na personagem que desejamos ser.

«Mas todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos trans-

formados, de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito.» (II Coríntios 3:18).

Fixando o nosso olhar em Jesus seremos transformados na sua gloriosa imagem, não física e corporalmente, é claro, mas mentalmente. Tornamo-nos semelhantes a Ele quando O aceitamos como nosso modelo. Tal atitude implica uma completa transformação e não uma mera conformação. É como a transformação da larva numa linda borboleta.

Por isso temos de delinear, atenta e diligentemente, a personalidade que desejamos vir a ser.

Quando Benjamim Franklin era jovem, escreveu uma lista de treze factores constitutivos do carácter, a que ele chamou virtudes e que nos deixou na sua autobiografia. Para cada virtude dedicava uma página especial. Quando cometia faltas registava-as a tinta preta. Resolveu adquirir cada uma daquelas virtudes, durante uma semana inteira. Também tinha uma lista com os nomes de pessoas como ele desejava ser.

A química realiza numerosas transformações, como se sabe. Nada parece menos próprio para ser transformado numa coisa atraente, como o alcatrão; contudo pode ser transformado em bons perfumes.

A transformação de Pedro

Quando Pedro foi levado a Jesus, por seu irmão André, o Mestre disse-lhe: «Tu és Simão, filho de Jonas; serás chamado Cefas.» (João 1:42).

Qualquer outra pessoa seria incapaz de ver em Pedro aquilo que Jesus viu imediata e intuitivamente. O Mestre viu imediatamente o que Pedro tinha de ser e por isso teria de se tornar completamente diferente daquilo que era. Jesus disse-lhe «Tu és», mas acrescentou, logo: «Tu serás».

Pedro era apenas uma possibilidade, pois não passava de um simples pescador. A sua educação fora muito limitada, deficiente. Por natureza era impetuoso e inconstante. Mas foi transformado de modo a

deixo que Deus me fale. Quando já estou cansada de cantar e de ler a Bíblia, recolho-me e oro ao Senhor.»

Como é que podemos tornar real a presença de Jesus?

Podemos tornar a presença de Jesus junto de nós, mediante a oração, a leitura da Bíblia e, principalmente, mediante a evangelização, tomando a evangelização em sentido muito lato: dar um estudo bíblico, dar um bom conselho, falar

de Deus às almas que ainda não O conhecem.

O Salvador assim traçou a maneira de proceder para com aqueles que desejam estar ligados com a Divindade: «Estai em mim e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas: quem está em mim e eu nele, esse dará muito fruto, porque sem mim, nada podeis fazer. Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que

quiserdes e vos será feito.» (João 15:4, 5, 7).

Alexander Nunn dá a seguinte sugestão: «Se Jesus dirigir os corações dos homens, é porque O tomaram, previamente, como dirigente, convidando-O a instalar-se a seu lado».

Jesus deseja acompanhar-nos, como dedicado Amigo, em todos os passos da nossa vida. Estende-nos, amorosamente as mãos, para que O sigamos.

Não iremos nós, agora mesmo, estreitar as suas divinas mãos entre as nossas para O seguirmos, sempre, contentes e confiantes?

poder ser um dos pilares da Igreja. Deus deu-lhe o dom de curar, assim como o da profecia. Teve o privilégio de escrever uma parte da Bíblia. O homem inconstante e impetuoso que ele era teve de ser transformado num homem de ponderação para corresponder aos desígnios de Deus.

Talvez haja quem diga que Pedro não teve necessidade de se transformar, porque afinal já era o que veio a ser. Basta ler despreocupadamente o Evangelho para termos de reconhecer que Pedro sofreu profunda transformação no seu carácter. Todos temos necessidade de transformar as nossas vidas, de modo a podermos revestir-nos de Jesus e a sermos para todos «outros Cristos».

Sigamos o exemplo do Apóstolo Paulo, quando diz: «... Mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus, em Cristo Jesus.» (Filipenses 3:13, 14).

A mudança de vidas

Já temos ouvido dizer a muita gente, que não se pode mudar a natureza humana. Tal expressão não só representa falta de confiança em Deus, como também pretende negar as transformações já efectuadas e que continuam a efectuar-se. Deus pode mudar a natureza humana e sabemos, positivamente que todos os dias se estão dando transformações maravilhosas.

Abraão, um pai, tornou-se Abraão, o pai de uma multidão e o pai dos que têm fé. Jacob, o suplantador, tornou-se Israel, o príncipe que prevalece com Deus. Saulo, o perseguidor dos Cristãos, foi mudado em Paulo o grande apóstolo dos Gentios.

Maria, a irmã de Lázaro, havia sido uma habitação de demónios, mas passou a sentar-se aos pés de Jesus «e aprendia d'Ele. Foi Maria quem derramou sobre a cabeça de Jesus o precioso bálsamo e que lhe lavou os pés com as suas lágrimas. Maria foi a primeira a dirigir-se ao sepulcro, após a ressurreição.

Foi Maria quem primeiramente proclamou o Salvador ressuscitado.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 568).

Há uma frase que se ouve com frequência: «Fulano já não é o mesmo homem, que costumava ser». Geralmente diz respeito a um indivíduo que degenerou quer física, quer mental, quer espiritualmente. Por causa da falta do auto-domínio tal pessoa perdeu o seu primitivo estado.

Mas, felizmente, tal expressão também se pode empregar, indicando, porém, melhoria de situação. É que se deixou de ser mau para se tornar numa pessoa boa, graças ao poder de Deus.

Santo Agostinho era um professor brilhante, mas dissipado. Malbaratara o seu talento; mas quando se converteu, quando entregou a sua vida a Jesus, tornou-se uma grande luz na Igreja Cristã.

S. Francisco de Assis deixou de ser o homem que era — um jovem rico, vaidoso e mundano — para se transformar, pelo poder de Deus, num discípulo de Jesus.

Um dos mais notáveis textos da Bíblia revela transformações que resultaram da pregação do apóstolo Paulo: «Não sabeis que os injustos não hão-de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbedos, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus.» (I Coríntios 6:9-11).

Não há nenhum outro poder que se possa comparar a este poder de transformação. Até os próprios anjos se maravilham com estas transformações de vidas.

«Os anjos ficam maravilhados quando contemplam a transformação do carácter daqueles que se entregam a Deus, e expressam a sua alegria em cânticos de louvor a Deus e ao Cordeiro. Vêem aqueles que por natureza eram filhos da ira, convertidos e transformados

em obreiros diligentes em levarem almas para Deus.» (Testemunhos para os Ministros, págs. 49 e 50).

Satanás fica como que mistificado quando tem de constatar a transformação daqueles que antes o serviam. Não pode defrontar-se com o poder que resgata os cativos das suas garras.

Prezados jovens, rapazes e meninas! Haverá alguma coisa nas vossas vidas que necessite de ser transformada? Porventura a temperança, o espírito de crítica, qualquer complacência, uma linguagem menos comedida, etc.?

Também isso pode ser transformado. Confia em Jesus; suplica-lhe que te tome, tal qual te encontras e te transforme com o seu divino poder, de modo a que possas, desde já, e para sempre, reflectir em toda a sua vida a sua imagem.

Temos de reconhecer a nossa necessidade de transformação

Mas, prezados jovens, antes de podermos alcançar «aquilo que desejamos ser», temos primeiramente, de conhecer «aquilo que de facto somos.»

Temos de nos reconhecer como perdidos e transviados, e, ao mesmo tempo, sentirmos a necessidade de auxílio divino. Não podemos esperar ficar limpos, sem que primeiramente saibamos que estamos sujos.

David reconheceu as suas faltas. Reconheceu que tinha necessidade de ser lavado, purificado, limpo (Salmo 51:1, 3, 7, 10).

Quando vemos a enormidade do nosso pecado, sentimos a necessidade de sermos transformados. O espírito de Jesus despertará na nossa consciência o desejo de uma completa transformação.

Passam-se as coisas como no caso daquele indivíduo que, muito constipado correu a uma farmácia e perguntou se lá havia qualquer remédio para as constipações. O farmacêutico perguntou-lhe se ele tinha uma receita médica. Então o homem, evidentemente constipado respondeu: «Não tenho nenhuma receita médica, nem é precisa; te-

Camaradagem com Jesus

Uma jovem *reporter* que ouvira falar de uma mulher extraordinária resolveu entrevistá-la. A referida senhora, era viúva, já há vários anos, e tinha criado e educado seis filhos, além de outras doze crianças que tinha adoptado.

A jornalista perguntou-lhe, logo de entrada, como é que ela, viúva tinha conseguido criar tanta criança.

— É muito simples, respondeu aquela senhora. Foi de sociedade com um óptimo Companheiro. Em certa altura, logo quando fiquei viúva orei assim ao Senhor: Meu Deus, eu tenho de trabalhar, e vou trabalhar; peço-vos, porém que vos encarregueis vós mesmo das coisas mais difíceis. Pois bem, desde então, nunca tive coisas difíceis. Deus encarregava-se de as resolver.

Aqui temos, prezados Jovens, um excelente meio para resolvermos todas as nossas dificuldades. Muitas vezes temos de resolver situações difíceis sòzinhos, pois não podemos contar com a ajuda de outras pessoas. É bem a altura de procurarmos a camaradagem de Jesus.

O apóstolo Paulo deu-nos uma fórmula correcta, quando escreveu: «Nós somos cooperadores de Deus.» (I Coríntios 3:9).

nho aqui comigo, como pode ver, a minha tremenda constipação.»

É isto precisamente o que temos de fazer. Não temos necessidade de nos apresentarmos diante de Deus com qualquer receita; basta-nos apresentar a Deus os nossos pecados; tal qual estamos, assim mesmo temos de nos dirigir a Deus, que é poderoso para nos transformar.

Paulo disse que era o principal dos pecadores. Estava tão unido a Jesus que bem sabia que a sua vida não se podia comparar, de modo nenhum com a vida sem pecado do Mestre. Quanto mais perto estivermos de Jesus, menos orgulhosos nos

O significado da camaradagem

Não há maior relação na vida do que uma verdadeira camaradagem. As pessoas que entram numa associação, numa mesma colaboração, concordam em correr os mesmos riscos, os mesmos privilégios e as mesmas responsabilidades.

A força de um dos sócios vai suprir a fraqueza de outro. A ignorância de um dos membros é contrabalançada pela ciência de outro. Na unidade reside a força.

É possível surgirem bons planos, quando há colaboração entre os vários membros e se regista um bom trabalho de equipa. Em primeiro lugar, os colegas, os camaradas, os sócios trocam entre si as suas impressões, apresentam alvites que se vão aperfeiçoando até chegarem a uma boa resolução; assim há menos probabilidades de malogro.

Um dos maiores exemplos de camaradagem é a sociedade conjugal. Enquanto o esposo e a esposa forem sinceros, um para com o outro, enquanto cooperarem, harmônicamente, enquanto cada um deles desempenhar, cabalmente, as suas

sentiremos e, por consequência mais desejosos nos sentiremos de que Jesus tome posse das nossas vidas.

Transformados mediante o Salvador

É impossível que só com as nossas pobres e débeis forças possamos ser admitidos na justificação divina. Só Jesus é que pode tomar-nos nos seus braços e levar-nos para o reino da sua maravilhosa luz. O poder de nos tornarmos numa nova criatura só nos é concedido, mediante o nosso bendito Salvador. João chama a esta mudança, uma passa-

obrigações, a sua sociedade permanecerá firme e verdadeira.

Martinho Lutero e Melancthon formavam uma poderosa sociedade. Lutero era audaz, zeloso e valente, ao passo que Melancthon era tímido, apagado e acautelado. Mas ambos se completavam e formaram uma boa sociedade. Cada um deles era uma preciosa ajuda para o outro. A Serva do Senhor diz-nos: «Foi-me revelada a sabedoria do Senhor na escolha destes dois homens para realizarem a obra da Reforma.» — (*The Story of Redemption*, pág. 350).

É maravilhoso sabermos que o Senhor deseja manifestar a sua sabedoria por nosso intermédio. Quando tratamos dos nossos assuntos com o Senhor, não é fácil que se malogrem, desde que aceitemos o seu conselho. Os nossos desaires derivam, precisamente, de querermos realizar grandes coisas de acordo com os nossos próprios planos.

Certa vez, apareceu num aparelho de TV, na casa de um pastor, na América, a seguinte legenda destinada aos filhos do ministro: «Parece-lhes que Jesus assistiria a este espectáculo?». Como se vê, o autor desta lembrança possuía a camara-

gem da morte para a vida (I João 3:14).

Quando o amor de Jesus encher os nossos corações, então sabemos que se efectuou em nós tal transformação.

A nossa transformação está condicionada à nossa união com o Salvador. «Se os nossos olhos estiverem fixos em Jesus, o trabalho do Espírito não terminará sem que a nossa alma esteja conforme à sua imagem.» (*Desejado de Todas as Nações*, p. 302).

Prezados Jovens, rapazes e meninas! Estai-vos esforçando, verdadeiramente, por vos tornardes conforme à imagem do nosso bendito Salvador?

dagem com Jesus e queria que os filhos também a possuíssem.

Lemos, também, o seguinte episódio ocorrido num dos nossos jardins-escolas de Igreja. Uma das pequeninas, de quatro anos de idade estava a decorar o seguinte texto: «O meu jugo é suave». Dirigindo-se às meninas, a professora perguntou-lhes se sabiam o que era um jugo. Uma delas respondeu que era uma coisa que se punha no pescoço dos animais. E a professora prosseguiu:

— Mas então o que será o jugo de Deus?

Todas as pequeninas ficaram caladas, até que a tal dos quatro anos levantou o bracinho e disse: «O jugo de Deus é quando Deus põe os seus braços em volta do nosso pescoço.»

Acham que se pode definir melhor? Efectivamente, parece que não pode haver melhor nem maior camaradagem do que quando Jesus lança os seus divinos braços em torno do nosso pescoço.

Temos necessidade de acamaradar com Jesus

Disse Jesus: «Sem mim nada podeis fazer». (João 15:5). Estas palavras não nos dão ensejo a que nos exaltemos, ou que nos consideremos superiores seja a quem for. Por vezes, somos levados a supor que somos capazes de efectuar muita coisa, sem necessidade de nenhum auxílio. Só nos lembramos de Deus nos momentos de aflicção.

Num grande camião que seguia de Nova Iorque para Worcester, esvoaçava uma bandeira na qual se lia: «Deus é o meu Guia». Muitas pessoas liam, evidentemente aquela tão linda confiante declaração de que Deus acompanhava aquele motorista.

«Vivamos em comunhão com o Salvador e sigamos, sempre, de mãos dadas com Ele.» — (*Thoughts from the Mount of Blessing*, p. 173).

É este o único caminho pelo qual avançaremos em segurança. Fiados na nossa própria ciência e nos nossos meios podemos falhar estrondosamente. Estamos lutando contra um adversário que nos pode vencer

se estivermos sòzinhos. «A nossa vida deve unir-se à de Jesus». — (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, pág. 98).

Temos, contudo, de realizar a nossa parte

Em toda e qualquer sociedade, cada um dos membros tem de realizar a parte que lhe compete. Ciro H. Curtis diz a este propósito: «Se alguém acredita em Deus, é certo que Deus fará metade do trabalho — mas a outra metade tem de ser feita pelo crente. Deus ajuda os que se ajudam a si mesmos.»

«Quando temos no coração obedecer a Deus, quando nos esforçamos por fazer isto mesmo, Jesus aceita esta disposição e estes esforços como sendo os merecimentos da sua acção divina.» — E. G. White, *Mensagens Selectas*, livro I, p. 382).

Quando Lázaro foi chamado da sepultura, Jesus salientou a importância da cooperação humana com o poder divino. Foram as mãos humanas que desviaram a pedra que tapava o sepulcro. Tanto os anjos, como quaisquer outras mãos invisíveis poderiam tê-la retirado, mas Jesus quis, precisamente, salientar a importância da cooperação do homem com Deus.

«O que o poder humano é capaz de fazer, isso mesmo não é feito pelo poder divino. Deus não dispensa a cooperação do homem. Colabora com ele, servindo-se das capacidades e das faculdades que lhe concedeu.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 535).

Um jovem tocou à campanha de uma casa e a dona da casa veio abrir; o pequeno pediu-lhe que lhe comprasse gravuras de boas-festas e de cumprimentos que ele trazia para vender. Interrogado para que queria ele o dinheiro, o jovem respondeu que era para construir a igreja.

— Tu, sòzinho? — perguntou a senhora.

— Claro que não, respondeu. Nosso Senhor também está trabalhando comigo, e do outro lado da rua também Jimmy está a trabalhar.

Malogro para os que trabalham sòzinhos

A razão de falharmos tantas vezes é porque trabalhamos sòzinhos. Confiamos na nossa própria sabedoria, pensamos que a nossa posição é suficiente para resolver as dificuldades, contamos com a popularidade, com o nosso dinamismo... mas falhamos.

«É melhor confiar no Senhor, do que confiar no homem. É melhor confiar no Senhor do que confiar nos príncipes.» (Salmo 118:8, 9).

Não se lembram, prezados Jovens, da experiência dos filhos de Israel quando foram visitados pelos Gibeonitas? O povo de Deus estava-se dirigindo para a terra de Canaã. Josué dirigia-os com acerto. Jericó tinha sido destruída e tomada e Haí também tinha sido tomada. Os Gibeonitas, arditosamente, dirigiram-se para eles fingindo que vinham de longes terras; confirmavam tal afirmação pela maneira como se apresentavam: sapatos róticos, fatos velhos, pão bolorento e seco. Deste modo levaram os Israelitas a fazerem um pacto com eles. Por que é que os Israelitas foram enganados?

«Então aqueles homens tomaram da sua provisão: e não pediram conselho à boca do Senhor». (Josué 9:14).

«Se pensarmos que somos capazes de nos governarmos por nós mesmos, Deus põe-se de lado e nós acabamos por sossobrar. Mas se reconhecermos que nada temos de nós mesmos e nos dirigirmos para Deus, então o Senhor obrará milagres, a nosso favor, se for necessário. Deus intervém, mesmo milagrosamente, quando não há nenhum outro meio.» (Vaughan Shoemaker *Chicago Daily News*).

A camaradagem consegue triunfar

A oração de um simples cristão pode assim sintetizar-se: «Meu Deus, ajudai-me a compreender que nada posso fazer sem Vós.»

Um dos maiores êxitos de todos os tempos foi a experiência de Geddeão. Fora ele escolhido por Deus para libertar os filhos de Israel das mãos dos Midianitas. Não era ta-

Cumpre-nos render toda a glória a Jesus

Um dos sinais precursores da vinda iminente do Salvador é o que diz que os homens se tornarão amantes de si mesmos. Manifestarão um espírito de egoísmo, de amor-próprio, atribuindo, também, ao homem a glória que só a Deus pertence. Como os fariseus do tempo de Jesus, também eles procurarão os louvores dos homens, em vez da glória de Deus.

O apóstolo Paulo salienta que os homens, nos últimos tempos, serão orgulhosos; isto é uma doença moral muito séria. É até mesmo ridícula. Já os antigos desprezavam os que se exaltavam sobre os seus semelhantes, sujeitando-os ao ridículo. Opõe-se ao amor, ao verdadeiro amor que não se ensoberbece, como nos diz o apóstolo Paulo no lindo capítulo acerca do amor (I Cor. 13:4).

O amor sabe dar a Deus toda a glória que Lhe é devida. Isto mesmo encontramos na essência da Mensagem do primeiro anjo. É necessário, que hoje, mais que nunca nos esforcemos por secundar e dar cumprimento a tal mensagem: «Temei a Deus e dai-Lhe glória» (Apoc. 14:7).

Há hoje uma tendência demasiado complacente para aceitar, livremente, que nos tributem honras; até seríamos capazes de nos deixarmos colocar num pedestal para que os outros nos admirassem, e aí recebêssemos fartos louvores.

Gostamos de ouvir louvores a propósito daquilo que fazemos. Recebemos, gostosamente, felicitações supomos que nos são devidas, quando realizamos alguma coisa especial. Também gostamos de ler nos jornais os louvores às nossas pes-

soas ou às nossas acções. Dilata-se-nos o peito com os louvores que ouvimos a nosso respeito e ficamos deveras sensibilizados com tais demonstrações. E acreditamos, plenamente, que somos merecedores de todos os louvores e cumprimentos que nos são dirigidos. Também é costume atribuímos a nós mesmos o que de bom nos acontece, considerando-o merecido, ao mesmo tempo que atribuímos a Deus as dificuldades e os desastres que nos sucedem.

Geralmente os homens gloriam-se nas suas acções, nas suas riquezas, na sua força física — em tudo, excepto em reconhecer que tudo devem a Deus.

Prezados Jovens! É consolador encontrarmos, aqui mesmo, neste momento, um tão belo grupo de jovens que deseja dar glória ao seu Criador.

(Continua na pág. seguinte)

refa fácil, porque, quando os exércitos se encontraram frente a frente, Gedeão tinha, apenas, trezentos homens valorosos que se deviam defrontar contra forças muitíssimo numerosas. Diz-nos a Bíblia que «os Midianitas e Amalequitas e todos os filhos do Oriente jaziam no vale, como gafanhotos em multidão» e que «eles e os seus camelos eram inumeráveis como a areia que há na praia do mar em multidão». As forças de Gedeão prevaleceram; foi uma grande vitória para os filhos de Israel.

Por que é que a vitória foi tão fácil para forças tão diminutas? É porque havia íntima união entre Deus e Gedeão. «A espada do Senhor e de Gedeão» bem unidas alcançaram a vitória; havia íntima sociedade entre o divino e o humano; por isso a vitória foi certa.

«A união com Jesus mediante uma fé viva tem de perdurar; qualquer outra união está destinada a desaparecer. Jesus escolheu-nos, primeiramente, pagando um preço infinito pela nossa redenção;

e o verdadeiro crente escolhe a Jesus como a primeira e a última e a melhor de todas as coisas deste mundo.» — (*Messages to Young People*, p. 118).

Somos mais fortes quando reconhecemos a nossa fraqueza. Quando desejamos receber auxílio do céu, tornamo-nos invencíveis.

Não há nada, aparentemente, mais fraco, mas na realidade mais invencível, do que a alma que sente a sua nulidade, mas que confia unicamente em Deus.» — *Profetas e Reis*, pág. 174, 175).

Um pequenito dirigindo-se ao encontro do pai perguntou-lhe com ar assustado:

— Pai, Satanás é maior do que eu?

— É, meu filho, respondeu o pai.

— E também é maior do que tu?

— Também é maior do que eu.

O filho sempre assustado, perguntou ainda:

— E também é maior do que Jesus?

— Não, meu filho; Jesus é maior e muito mais forte do que Satanás.

Então o pequeno, desatou a correr e dando um par de saltos, exclamou, sorridente: «Sendo assim, já não tenho nenhum medo de Satanás, porque Jesus é maior e mais forte do que ele.»

Prezados Jovens! Caímos, porque confiamos na nossa força. Esquecemo-nos de que só podemos tudo, desde que estejamos ligados ao nosso Deus. Para transportarmos a nossa carga temos de nos unir ao nosso Salvador.

Somos, muitas vezes, como aquela senhora que ia a correr para apanhar o comboio. Chegou à estação muito cansada, mas segurando sempre a mala de mão. O condutor aproximou-se dela e disse-lhe a sorrir: «Já pode pôr a mala no chão; o comboio agora é que a leva.»

Também nós: quando estivermos libertos de tudo, Deus tomará conta de nós.

Prezados Jovens: rapazes e meninas!

Já estabeleceste a vossa camaradagem, firme, sincera, leal com Jesus?

O malogro sem Deus

O conhecimento científico em pleno desenvolvimento, assim como as maravilhosas descobertas de que somos testemunhas têm, infelizmente, contribuído, para que os homens desviem os olhos do seu Criador.

G. Ernest Thomas observou que «quando as famílias colhiam os vegetais nas suas hortas para prepararem as refeições, facilmente encontravam o seu Deus, porque não lhes custava compreender e recordar que tudo quanto tinham provinha da bondade e providência divina. Mas o mundo moderno com todas as suas invenções, traduzidas em tantas e tão variadas comodidades, tende a afastar os pensamentos do homem para muito longe de Deus, desligando-o do contacto que devia ter com o Criador, fonte de toda a vida.

Para muita gente a penicilina substituiu a oração, o psiquiatra substitui o pastor, o «rock-and-roll» está ocupando o lugar da boa música, a emoção e a ansiedade têm substituído a meditação e a confiança pacífica, o teatro, o cinema, a TSF e a TV têm afastado as mentes da leitura da Palavra de Deus, e, finalmente, o egoísmo e a glória de si mesmos tem substituído, nos homens o amor e a glória devida a Deus.

O apóstolo Paulo disse aos crentes de Corinto: «Não é aprovado, quem a si mesmo se louva». E pouco depois acrescenta: «De um assim me gloriarei eu, mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas. Porque se quiser gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas deixo isto para que ninguém cuide de mim mais do que em mim vê ou de mim ouve». (2 Cor. 12:5, 6). O principal objectivo do apóstolo Paulo era «que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja em vós glorificado». (2 Tessalonicenses 1:12).

Também é nosso privilégio, prezados jovens, associarmo-nos ao grande apóstolo para honrar e glorificar o nome de Deus.

Acatelemo-nos contra a exaltação própria

Já, de certo, temos encontrado várias pessoas que estão convencidas de que são perfeitas. Mas se vimos bem o que tal atitude significa, nós, à luz da verdade que possuímos não podemos deixar de lamentar tais pessoas.

É interessante notar que, quando Deus fez o homem não o formou de modo a que o homem seja capaz de dar palmadinhas nas suas próprias costas, como as dá nas dos seus semelhantes. Disse alguém: «Vê, não desprezes o irmão que está diante de ti, porque não sabes se o espírito de Deus está nele ou em ti.»

Numa das lutas de Acab com o rei da Síria, quando se jactava no poder das suas tropas muito mais numerosas que as de Israel, o Senhor colocou-se ao lado de Acab, dando-lhe a vitória, porque reconheceu a sua inferioridade, mas confiava no Senhor.

A verdadeira grandeza nunca se ensoberbece. Por isso a verdadeira grandeza só se encontra no que se julga pequeno. Tudo o que nós somos é dom gracioso de Deus para conosco. Também naquilo em que nos tornamos é igualmente dom de Deus.

Os Gálatas tinham, também, os mesmos problemas que os jovens ainda hoje têm de defrontar. Por isso não será de mais salientar o conselho que o apóstolo Paulo então lhes deu: «Porque se alguém cuida ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo.» (Gálatas 6:3).

Toda a glória deve ser dada a Deus

Na Sagrada Escritura são recordadas duas experiências interessantes que revelam e bem demonstram a loucura de aceitar a glória e a honra que pertencem, somente, a Deus. É muito bom e proveitoso aprender a lição que estas experiências nos ensinam, enquanto somos jovens. Podemos estar certos de que se a nossa atitude for a mesma, podemos esperar os mesmos resultados.

Eis as duas mencionadas experiências. A primeira delas fala-nos de um grande monarca que atribuiu as glórias do seu reino ao seu próprio poder, ao seu prestígio. Disse assim: «Não é esta a grande Babilónia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?» (Daniel 4:30).

Era bastante. Nabucodonosor foi afastado do trono e tornou-se como um animal, durante sete longos anos. Felizmente, para ele, permitiu que Deus lhe tocasse o coração, e tornou-se um humilde servo do Rei celestial.

A outra experiência fala-nos, também, de outro monarca, o Rei Herodes Agripa, da Judeia. Sentado no esplendor do seu trono, permitia que os súbditos dissessem dele: «Voz de Deus e não de homem.» E a Sagrada Escritura acrescenta: «E no mesmo instante, feriu-o o anjo do Senhor, porque não deu glória a Deus.» (Actos 12:23).

Seria bastante proveitoso para nós se pudéssemos descobrir qual é o valor dos nossos momentos de exaltação própria, aos olhos de Deus. Talvez escondêssemos a cabeça entre as mãos, corando de vergonha, em vez de nos exaltarmos em amor próprio.

Tudo podemos realizar unidos em Jesus; mas sem Ele nada podemos fazer.

Prezados Jovens! Notai bem e gravi profundamente nas vossas mentes o seguinte: O segredo do êxito reside, única e simplesmente, na medida em que estivermos unidos com o Salvador, a quem pertence, em toda a nossa vida e em tudo o que somos, o primeiro lugar.

As perdas que o egoísmo ocasiona

Os egoístas vivem num pequeno mundo à parte. Não são capazes de ver — ou não querem ver as necessidades dos outros. Não experimentam a alegria de dar. Toda a sua vida se concentra, surdamente, no seu egoísmo, que não vê mais nada senão os seus próprios interesses.

«Moisés e os heróis espirituais de todos os tempos encobriram a sua glória e portaram-se como sim-

Temos de levar a cruz do Salvador

Há muita gente que supõe que a idade atômica é a época mais importante da história do mundo. Mas, nem todas as opiniões são concordantes a este respeito.

Assim, por exemplo, há muitos cristãos que pensam que o período mais significativo da história foram aqueles trinta e tantos anos que Jesus viveu, na Palestina. A sua morte na cruz do Calvário foi o ponto culminante da história do mundo.

Muitas pessoas já têm atravessado a chamada Linha do Dia, no cimo das Montanhas Rochosas. Ali vêem os sinais que marcam a divisão entre o Oriente e o Ocidente.

É sempre interessante contemplar tal divisão imaginária entre os dois hemisférios. Pois nada há que se possa assemelhar à contemplação da cruz no alto do Calvário, há cerca de dois mil anos, às portas de Jerusalém. A salvação do mundo depende, hoje, como sempre, da submissão da humanidade à cruz do Calvário.

O Apóstolo Paulo bem enaltece o valor da cruz, quando diz: «Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo». (Gálatas 6:14). Foi a cruz que deu a vitória à sua vida. Bem sabia que sem a cruz a humanidade nunca poderia ter união com o Pai.

O significado da cruz

A cruz não pode ser explicada num livro nem numa sala de aulas. Nem o próprio Salvador conseguiu explicá-la aos seus discípulos. Foi necessário demonstrá-la praticamente. O transporte da cruz implica a dádiva de tudo o que temos. É que não podemos levar a cruz e elevar-nos, orgulhosamente, ao mesmo tempo. A cruz é o símbolo da completa submissão à vontade de Deus.

Não se pretende dizer que o transporte da cruz seja coisa fácil. O caminho da cruz exige a renúncia de si mesmo; é um caminho es-

ples instrumentos nas mãos de Deus. Como é diferente a história daqueles verdadeiros heróis, da história mitológica do grego Narciso, o jovem que admirando a sua própria imagem nas águas tranquilas dum lago, acabou por se apaixonar por si mesmo, e a morrer assim.» — (*Who waits in Faith*, H. M. Tippett, p. 65).

Não é difícil desenvolver um sentimento egoísta: basta pensar só em si mesmo e nunca pensar nos outros.

Disse alguém que um pedaço de vidro pode ser uma janela, através da qual vemos as pessoas; mas se recobrirmos um dos lados deste vidro com determinada substância, esse vidro transforma-se num espelho, no qual, agora, nos podemos ver a nós mesmos. Tudo depende de considerar a mesma coisa. Nós vendo os outros, ou nós vendo-nos a nós mesmos. Quando somos jovens, pensamos que o mundo foi feito, proposadamente, para nós. Parece que só pensamos em nós. Descobrimos, depois, que não é assim, porque os outros têm também os mesmos direitos e até julgamos que tudo conspira contra nós. Mas a verdade — que só podemos descortinar através das páginas da Sagrada Escritura — é que

o mundo foi feito para nos dar oportunidade para crescermos para Deus, e dar-lhe glória, para todo o sempre.

Eis, agora, o momento de darmos glória a Deus

Prezados Jovens! É esta a hora de darmos glória a Deus. Nunca houve tanta necessidade de o mundo render a Deus a glória que Lhe é devida. A vossa liberalidade, a vossa amabilidade, a vossa caridade devem afastar o egoísmo do coração daqueles que contactam convosco. O vosso desejo de dardes glória a Deus fará desaparecer o vosso egoísmo. A vossa resolução de dardes glória a Deus e de manifestar as suas bênçãos, multiplicará as bênçãos já recebidas.

Jesus reconheceu e soube aproveitar todas as ocasiões para dar glória a seu divino Pai. Chegando ao fim do seu ministério terrestre, disse aos discípulos: «Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado n'Ele.» (João 13:31). Deus escolheu-nos e colocou-nos neste mundo para sermos suas testemunhas e dar glória ao seu nome.

Temos necessidade de desfazer a tendência egoísta dos nossos corações. Temos de demonstrar aos ou-

tros que possuímos um verdadeiro espírito de dedicação e de caridade. É nosso privilégio, senão obrigação, ajudar os outros a olhar para o alto e a darem glória a Deus.

Como poderemos glorificar a Deus?

Como é que poderemos dar glória a Deus? «Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto» (João 15.8). Honramos a Deus, quando empregamos, devidamente, os talentos que o Senhor nos concedeu. Se os enterrarmos, estamos, com isso, a retardar o advento do reino de Deus. Desonrarmos a Deus, quando ignoramos ou não empregamos o tesouro que a misericórdia de Deus colocou nas nossas vidas.

A nossa grande oportunidade, neste dia, consiste em podermos continuar — graças à bondade divina — a preparar as nossas vidas, de modo a podermos dar muitos e abundantes frutos para o Mestre.

Se honrarmos a Jesus e Lhe tributarmos a glória que Lhe é devida, Ele, por sua vez, também nos concederá subida honra e confessará o nosso pobre nome diante do Pai celestial.

treito, apertado, bem cheio de dificuldades, mas leva-nos à pátria celestial.

A cruz tornou-se num troço para os Judeus. Esperaram a vitória num reino meramente temporal; por isso a cruz representa para eles a sua derrota. Eram incapazes de descobrir qualquer vitória fora das vistas simplesmente materiais, terrenas.

Também nós, por vezes, prezados Jovens, nos esquecemos de que as dificuldades e os contratempos desta vida são essenciais para a salvação.

Às vezes esquecemo-nos de que a vitória tem de ser precedida pela rendição. Quando a batalha contra o nosso próprio eu estiver ganha, então é que estaremos aptos a habitar com Jesus.

A cruz e o amor são inseparáveis. A cruz foi uma revelação do amor, tanto do Pai como do Filho. Disse alguém que a cruz era uma janela através da qual podíamos ver o coração amoroso de Deus. Já havia uma cruz no coração do Pai, antes que a cruz tivesse sido erguida no Calvário. Foi a cruz uma autêntica demonstração do grande amor de Deus pelo homem.

O hino entusiástico «Para a frente, Soldados Cristãos» foi escrito pelo reitor Sabino Baring-Gould, para ser cantado na festa do final de curso. Enquanto os jovens cantavam o hino, um deles levava uma cruz.

A primeira estrofe diz:

*«Para a frente, Cristão soldados!
Marchemos para a guerra,
Com a cruz de Jesus
Indo à frente.»*

Levantaram-se bastantes críticas por causa de terem transportado no cortejo a cruz. Então o reitor respondeu, que em vista de não terem gostado, deviam assim cantar os dois últimos versos:

*«Com a cruz de Jesus
Deixada atrás da porta.»*

Muitas vezes não gostamos de levar a nossa cruz, precisamente, porque ela é pesada e difícil de transportar. Por isso preferimos «deixá-la atrás da porta, em casa».

Esquecemo-nos, assim, de que a cruz se tornou o grande símbolo de vitória para todo o crente cristão.

A Mensageira do Senhor diz-nos que «pretender retirar a cruz da vida do cristão, seria o mesmo que apagar o Sol, no céu.» (*Os Actos dos Apóstolos*, pág. 209).

A cruz tem sido chamada o Departamento Perdido e Achado da Bíblia. Na cruz perdemos todos os nossos pecados, assim como todas as nossas dúvidas e angústias. Na cruz encontramos o nosso amoroso Salvador — fé, esperança, paz e todos os dons inumeráveis que Deus tão generosamente nos concede.

Temos de levar, de boa vontade, a nossa cruz

Quando Jesus caiu sob o peso da cruz, a caminho do Calvário, Simão Cireneu foi obrigado a levá-la. Talvez nunca tivesse visto Jesus, antes daquele trágico momento, e, embora, ali, se sentisse desgostoso e irritado por ter de levar a cruz daquele Nazareno, a verdade é que depois, mais tarde deve ter ficado bem satisfeito e consolado pelo que fez. Foi aquele o início de uma nova experiência para a sua vida.

Bem sabemos que Jesus não foi para o Calvário contra a sua própria vontade. Concordou, livre e plenamente, em entregar a sua vida para que todos nós pudéssemos viver para todo o sempre. Não era necessário que Jesus tivesse sido arrastado a caminho do Calvário. Jesus caminhou para o sacrifício que Ele ardentemente desejara e como um Redentor triunfante. Cada passo que dava, mais se aproximava da vitória final, que conseguiu no alto do Calvário, suspenso entre o céu e a terra.

Prezados Jovens! Quando levamos a nossa cruz com aborrecimento, e de má vontade, de pouco ou de nada nos servirá tal atitude. Jesus quer, que como Ele fez, também nós levemos com fé e amor a nossa cruz. A recompensa será indizível para aqueles que aceitam voluntariamente a cruz que o Pai celeste lhes coloca aos ombros.

Talvez possamos aqui recordar a resposta gentil daquela menina que andava com o irmãozinho ao colo.

Perguntaram-lhe se não achava o menino pesado; respondeu sorridente: «Não me pesa; é meu irmão».

Temos de nos negar a nós mesmos

O Apóstolo Paulo atingiu o cume da sua experiência quando pôde exclamar: «Longe de mim gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo». (*Gálatas 6:14*).

O seu eu já não ocupava na sua vida o primeiro lugar. Descobriu que a vitória só se alcançava, pondo Jesus em primeiro lugar. Assim compreendemos como ele podia dizer: «Quando estou fraco, então sou forte». (*2 Cor. 12:10*).

Mas notai, agora, prezados Jovens, que todo e qualquer Cristão que acalenta no seu coração o amor de Deus, mas que não procura comunicá-lo aos outros, para os atrair para «a maravilhosa luz», sente-se necessariamente, descontente e inquieto.

Diz-se que um grupo de turistas americanos foi assistir à representação da Paixão de Jesus, em Oberammergau, na Alemanha. Os turistas foram visitar o actor que desempenhava o papel de Jesus com quem conversaram, durante algum tempo. Então um dos turistas manifestou o desejo de pegar na cruz. Experimentou, mas confessou, muito surpreendido que era excessivamente pesada. Perguntou, então, ao actor por que é que não empregava, antes, uma cruz feita de papelão, porque seria mais cómoda de transportar. O actor respondeu: «É que eu não seria capaz de representar o papel de Jesus se não tivesse de sentir, realmente, o peso da Sua cruz».

Prezados Jovens: Temos de sentir bem o peso da nossa cruz, se queremos ser como o nosso Salvador. E senti-lo-emos se nos negarmos a nós mesmos e pensarmos, apenas, nos outros.

Recordemos as palavras do nosso bendito Salvador: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me». (*Lucas 9:23*).

A cruz que temos de transportar não pode nem deve ser uma única escolhida por nós mesmos. Lembrem-se, prezados Jovens, da res-

Temos de manifestar o amor de Jesus

Um jovem que estava servindo a pátria como soldado-médico, portava-se valentemente nas linhas da frente. Estava em perigo constante; tanto de dia como de noite, de vir a ser ferido, mortalmente ferido. Uma vez, em que prestava assistência médica a um soldado que fora ferido com uma bala, foi, por sua vez, atingido por uma bala que lhe penetrou no peito direita ao coração. Mas, como sempre trazia consigo um exemplar das Sagradas Escrituras, a bala ficou detida pelo livro, salvando-lhe, assim, a vida. Quando regressou, tirou a Bíblia, onde encontrou a bala, que tinha parado, precisamente, na folha, onde leu: «Deus é amor.»

«Deus é amor, e quem está em amor está em Deus, e Deus nele.» (I João 4:16). O amor de Deus é a maior força do mundo. Não só é capaz de fazer parar as balas, mas pode muito mais: é capaz de mudar

a vida dos homens. Pode transformar um pobre pecador num filho de Deus.

A grandeza do amor

O atributo mais destacado que qualificou o Salvador para a sua grande missão a este mundo foi o amor. Foi o poder do seu amor que trouxe a salvação ao homem.

Pergunta-se, portanto, com razão: «Quem nos separará do amor de Cristo?» (Romanos 8:35). Segue-se uma lista de tantos e tantos perigos e dificuldades, mas impõe-se a seguinte conclusão, que é um grito de vitória: «Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente nem o porvir, nem a altura nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está

em Cristo Jesus, nosso Senhor.» (Romanos 8:38, 39).

O Apóstolo Pedro enumera toda uma série de virtudes cristãs escalonadas, ordenadamente, terminando no cimo, com a caridade. É ela a mais alta experiência. Pode ser que a subida, a caminho do monte, seja difícil e estenuante; mas quando se chega ao cimo, encontra-se grande refrigério e sente-se um indizível bem-estar. Muitos de nós já temos estado, de certo, no cimo de edifícios altos ou de elevadas montanhas. Temos de concordar que nos deleitamos com os grandes e surpreendentes panoramas que dali se desfrutam.

Rose Bennington disse: «O amor é a chave-mestra para o reino do Céu; não há nenhuma porta, nenhuma dificuldade, neste mundo,, que não se possa abrir ou vencer com o amor.

(Continua na pág. seguinte)

posta do tal actor alemão aos turistas americanos. A cruz que temos de levar não será a que acharmos mais conveniente à nossa situação, ou mais maneirinha para transportar. Temos de levar a nossa cruz, essa cruz que o Senhor nos destina, e que escolheu, precisamente, para nós mesmos, especialmente, para nós.

Temos de ajustar as nossas vidas à nossa cruz. O Cristão é aquele que segue a Jesus, sem condições, sem restrições.

Prezados Jovens: para fazermos isto, temos de dizer «não» a nós mesmos, de modo que possamos dizer generosamente «sim» a Jesus.

O nosso Salvador «humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.» (Filipenses 2:9).

Jesus dignou-se aceitar os nossos sofrimentos, para que nós pudéssemos partilhar da cruz, para que possamos cingir com Ele a coroa da vida eterna.

A salvação só se obtém através da cruz

A salvação vem através da cruz. Se procurarmos afastá-la da nossa vida, perderemos a coroa de glória que o Senhor nos reserva. «A cruz do Salvador é a nossa única esperança». (*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 4, p. 503).

Há muitas igrejas e catedrais construídas em forma de cruz para lembrarem aos crentes que a vida eterna começa no Calvário. A vista da cruz tem transformado muitos pecadores em santos, assim como tem dado muita coragem a numerosos tímidos, e tem enviado para todas as partes do mundo, zelosos missionários que querem salvar almas para Jesus.

Em Chicago, há uma igreja, no cimo de um arranha-céus. Sobre o telhado vê-se uma grande cruz. As pessoas que passam, em baixo, na rua, raramente vêem a cruz. Certo

dia, um homem olhou para cima e ficou excitado com o que viu. Em pouco tempo juntou-se, ali, muita gente, de modo que o trânsito ficou impedido. Alguns diziam: «Mas trata-se de uma cruz. É uma cruz. É uma cruz com um homem.» E a multidão dispersou, indiferente ao grande significado da cruz, que naquele momento procurava despertar-lhe o coração.

Prezados Jovens: Temos o privilégio de orar e agradecer a Deus pelo dom indizível do nosso benedito Salvador que pregado na cruz, ali morreu pela nossa salvação, para que tivéssemos a vida eterna. O acontecimento mais glorioso que se há-de dar e, bem o sabemos muito em breve, será aquele, em que os soldados leais da cruz receberão das mãos do seu divino Comandante uma coroa como penhor da vida eterna.

Prezados Jovens! Estais prontos para receber as vossas?

A definição do amor

Não podemos definir o amor de Deus, mas podemos vê-lo operando. Temos de reconhecer provas evidentes deste trabalho de amor de Deus. E gostamos mais de o ver operando, do que ouvir, simplesmente, falar dele.

O maior salmo de amor foi escrito pelo apóstolo Paulo. Chama-se, por isso, a Magna Carta da Religião Cristã. É com muita elegância que o apóstolo descreve o amor. Escreve ele, fina e preciosamente: «O amor é sofredor, é benigno; não é invejoso, não trata com levandade, não se ensoberbece. Não se porta com incorrecção, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera tudo suporta.» (I Coríntios 13:4-7).

Tais são os traços de que necessitamos. Não pode haver nenhum verdadeiro cristão, que esteja esperando pela Volta do Senhor, e que não possua este inestimável atributo que é o amor.

«O amor não se vangloria. É humilde; nunca leva o homem a exaltar-se, a engrandecer-se. O amor para com Deus e para com o nosso próximo não pode, de modo algum, manifestar-se mediante actos de temeridade, nem tão pouco pode impelir a ser-se despótico, insolente ou dominador. O amor não é soberbo.

O coração, onde reina o amor será dirigido num caminho de gentileza, de cortesia, de comiserção para com o próximo, seja qual for o conceito que o mesmo próximo faça de nós mesmos.» (*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 5, págs. 123, 124).

O amor não conhece obstáculos, nem receia os sacrifícios. O amor pensa nos outros e cuida deles.

A fonte do amor

E, prezados Jovens, onde é que poderemos obter este divino atributo?

O verdadeiro amor provém de Deus, e toda aquela pessoa que manifesta verdadeiro amor, comparticipa desta vida divina.

João, o discípulo a quem Jeseus amava, exemplificou este amor. Permitiu que a graça divina lhe transformasse o carácter. O discípulo amado abriu, largamente o coração à doce influência do amor divino e a sua vida transformou-se. «Cada dia que passava marcava mais um passo no seu amor para com o Senhor, até perder a vista de si mesmo, por amor do Mestre.» (*Os Actos dos Apóstolos*, p. 557).

O amor é um dom de Deus. Não está nas nossas forças poder merecê-lo. Nem sequer o podemos herdar de nossos pais. «O amor é um dom precioso, que recebemos de Jesus.» — (*Ministry of Healing*, p. 358).

O amor é chamado um fruto do Espírito. Na Epístola aos Gálatas o apóstolo Paulo enumera nove frutos do Espírito. (Gál. 5:22, 23); mas o amor é o primeiro de todos eles. Parece que os restantes derivam do amor.

A medida do amor

Qual é a medida do nosso amor, para com Deus? É claro que não temos nenhuma medida com a qual possamos mensurar o amor. João sugeriu, contudo, que a medida do nosso amor para com Deus é determinada pelo amor que nós manifestamos uns para com os outros. «Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.» (João 13:35).

Falando do amor, Tertuliano escreveu acerca dos primeiros cristãos: «O trabalho deste amor, que se manifesta entre nós, faz-nos distinguir de todos os outros homens. Por isso os pagãos dizem de nós, cristãos: Vêde, como eles se amam, e como estão prontos a dar a própria vida, uns pelos outros.»

O amor de Deus atingiu o ponto máximo quando deu o seu Filho por nós. O mesmo amor se encontrava em Jesus, durante toda a sua vida. E o amor de Jesus, prezados Jovens, tornou-se tanto mais maravilhoso e indizível, se nos recordarmos que deu a vida por nós, pecadores e seus inimigos.

Perguntaram, uma vez a uma menina, quem era o filho de que a sua mãe mais gostava; a pequena

respondeu, prontamente: «A mamã gosta mais de Jimmy, porque é o mais velho; gosta mais de Johnny, porque é o mais novo; e gosta mais de mim, porque sou a sua única filha».

Talvez não seja muito fácil encontrar uma melhor ilustração do que esta pequena história, para demonstrarmos o amor que Deus tem por todos nós.

É maravilhoso pensarmos, prezados Jovens, que Deus ama-nos, a cada um, distinta e pessoalmente, como se só existisse, cada um de nós. O amor de Deus transcende todas as barreiras. Cada um de nós é preciosíssimo aos seus olhos.

O amor é uma qualidade activa

O amor não é um atributo estático, parado. Se o amor se encontra, verdadeiramente nos nossos corações, tem de se mostrar activo. Chama-se um princípio activo, porque manifesta processos de actividade. O apóstolo Paulo escreveu: «O amor de Cristo nos constrange» (2 Cor. 5:14). O amor de Jesus impele-nos à acção; impele-nos a amar, impele-nos a fazer a vontade de Deus, o que representa, evidentemente, manifesta actividade.

Um pai que estava mergulhado atentamente na leitura de um livro, foi, súbitamente interrompido pelo filhinho que lhe saltou para o colo e lhe disse: «Paizinho, eu gosto muito de ti». O pai respondeu distraidamente: «Olha que eu também gosto de ti». O pequeno não ficou satisfeito com a resposta e insistiu: «Paizinho, eu gosto muito de ti, e gostava de fazer alguma coisa para ti!»

Prezados Jovens! Dizei-me que é que impele tantos jovens e tantos adultos a sirem da sua terra natal, em demanda de terras e de povos estranhos para aí pregarem a Mensagem da Salvação? Que é que impele um jovem casal a deixar o conforto do seu lar para seguirem para o meio dos pagãos para lhes falarem do amor de Jesus? Que é que impele um homem a dirigir-se para o interior da selva, expondo-se a todos os perigos, nomeadamente a morte?

(Continua na pág. seguinte)

DIA DA ESCOLA SABATINA

10 DE MARÇO DE 1962

Embora já tenha entrado nos nossos hábitos o termos, uma vez, por ano, um Dia da Escola Sabatina, parece-nos, contudo, conveniente recordar que neste ano, foi fixado para o Sábado, dia 10 de Março.

Agora, que os acontecimentos se precipitam e que nos aproximamos velozmente das cenas finais da história do mundo, temos, mais que nunca de nos confirmarmos na fé, a fim de podermos triunfar das provas que nos esperam.

A Escola Sabatina é o lugar por excelência, onde nos podemos, alimentar, todas as semanas, do pão da vida, e ainda desdentarmo-nos na fonte da água viva.

Esta comunhão constante com a Palavra de Deus torna o crente inquebrantável.

Sentimo-nos felizes por podermos verificar que a maioria dos nossos membros são fiéis e também desejamos encorajar uns e outros a renovarem, uma vez mais neste Dia especial, o seu compromisso de lealdade para com a Escola Sabatina, fonte de progresso espiritual e meio eficaz para proclamar o Evangelho eterno.

R. GERBER

Secretário do Departamento da Escola Sabatina
da Divisão Sul-Europeia

É o amor de Deus.

Goethe disse certa vez: «O maior amor não pode ser descrito; só pode ser actuado». Isto é verdade a respeito do amor humano. O amor de uma mãe pelo filho não pode traduzir-se por palavras. Manifesta-se pelas acções, ao longo de muitos anos, mediante todo o carinho e dedicação que a mãe sempre tem pelo filho.

O amor é a Lei

A Lei de Deus está baseada no amor. É uma expressão do carácter de Jesus. Obedecemos, porque amamos. Seguimos após Jesus porque O amamos. Servimos o próximo, porque amamos a Deus. Todo o verdadeiro amor provém de Deus.

Um doutor da lei dirigiu-se, certa vez, a Jesus e perguntou-lhe: «Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?» Aquele doutor pretendia levar Jesus para uma discussão teológica; o Salvador, porém, cortou-lhe cerce a discussão e disse-lhe: «Amarás o teu Senhor teu Deus de

todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento; e o segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.» (Mateus 22:36-40).

O coração, a alma e a mente apresentam todo o homem — os seus desejos, os seus afectos, as suas operações intelectuais e as suas energias físicas.

O amor, como nos é ensinado no Novo Testamento, é o cumprimento da Lei. Jesus nunca afastou os homens da sua companhia por causa das suas crenças defeituosas. Sabemos como na parábola das bodas convidou pessoas de todas as condições. O Salvador admite no seu reino todos os que amam e que são misericordiosos.

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Temos necessidade de amar

A grande necessidade do mundo, prezados Jovens, é a demonstração do amor de Deus. Disse alguém: «Dai-me uma partícula desse amor, quando estiver triste, em vez de uma distração, quando estiver contente.»

Na natureza encontramos, por toda a parte manifestações do amor de Deus.

As árvores dão os seus frutos, dão-nos sombra fresca assim como tantas outras comodidades. O Sol não brilha para si mesmo. As flores deslumbram o homem com o seu perfume a sua beleza. As estrelas também não brilham para si mesmas.

O grande pregador Spurgeon visitando uma vez, um dos seus membros de igreja, um lavrador, viu no telhado do celeiro um catavento com estas palavras: «Deus é amor». Impressionado, Spurgeon perguntou ao lavrador:

— Irmão, porque é que escreveu aquelas palavras no catavento? Supõe, porventura, que o amor de Deus é variável como o vento?

— Não, sr. Pastor. Aquelas palavras querem dizer para mim, que para qualquer lado que o vento sopra, Deus é amor.

S. Judas diz: «Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus.» (Judas 21).

E o apóstolo S. Paulo escreveu, por sua vez: «Permaneça o amor fraternal.» (Hebreus 13:1).

«Sem amor, sem aquele amor como o que habita no coração do Salvador, nunca poderemos ser enumerados entre os membros da família celestial.» — (*Christ's Object Lessons*, p. 158).

Prezados Jovens: rapazes e meninas!

Abri o vosso ardoroso coração ao amor de Jesus. Que ele encha, totalmente, os vossos corações.

Não quereis estar prontos a receber a doce influência do Salvador, de modo que reflectindo, claramente que o amor de Deus habita em vós, possais, com a ajuda de Deus, trazer muitas almas para o seio da família celestial?

Os «Espirituais» Negros

As melodias dos «Espirituais» Negros já nos são familiares. Já entraram nas listas dos cânticos mais conhecidos.

Mas, que sabemos nós acerca da sua origem e da sua história?

O estudo mais elementar da música popular negra pode constituir uma bênção para quem tem ouvidos de ouvir. Qualquer plantazinha, qualquer ervinha, qualquer circunstância estranha e desconcertante que impressionasse aqueles grandes corações infantis no mundo belo e cruel, em que viviam, sofriam e morriam, era para eles uma manifestação de Deus. Para eles o céu era mais real do que a própria terra: por isso, os seus cânticos de fé podem ter um profundo significado para os Cristãos.

Os cantos espirituais negros agradam a muita gente, pela sua simplicidade e beleza primitiva; mas, um conhecimento da sua história talvez ajude, muitíssimo a amá-los e a apreciá-los ainda mais.

Os cantos espirituais negros foram a manifestação natural de um povo, profundamente religioso e cruelmente oprimido em terra estranha. A pregação do Evangelho abriu neles, prontamente, uma brecha. Aqueles escravos pagãos, americanos tinham herdado um instinto que os impelia, embora fossem pagãos, para a adoração. Ignorantes, supersticiosos e imaginativos, eram profundamente impressionados pelos fenómenos naturais que os cercavam e por isso, não tinham dificuldade em aceitar a revelação do Deus Onnipotente do Antigo Testamento, que falava por entre o trovão; e também conseguiam facilmente, imaginar o Salvador dolente que, na cruz, tanto havia sofrido.

Corações simples e ternos, penetravam na vida dramática do Salvador e na sua morte com uma profundidade que poucos povos conseguiram igualar; por isso, apoiaram-se com todo o vigor da sua natureza apaixonada nas promessas de salvação e de eterna bênção feitas por Deus a todos aqueles que acreditarem. Por isso os seus cânticos

brotam do profundo desta fé simples e fervorosa.

Os cantos negros não foram escritos; alguns surgiram, pouco a pouco, outros nasceram de um jacto, como o resultado de uma imprevista experiência espiritual.

Um dos cantos espirituais mais conhecidos é um exemplo do primeiro grupo. Muitos patrões brancos, temendo que as reuniões religiosas pudessem levar os seus escravos a conspirar e a revoltarem-se, proibiram-nas, terminantemente.

Então, os negros passaram a reunir-se, secretamente, nos campos de algodão, pela noite fora. E de dia, enquanto trabalhavam, penosamente, passavam de uns para outros a letra de um novo cântico.

*Ir, ir, bem depressa para Jesus
Ir bem depressa para Casa...
Não fiquemos aqui, muito tempo!...*

A hora e o local das reuniões eram indicados de maneira simbólica. Estas palavras podiam, por exemplo servir de indicação para uma reunião, num dia de vento:

*As árvores nuas inclinam-se
O pobre pecador treme...
Um vendaval ecoa na minha alma
Não devo ficar aqui, mais tempo!...*

De uma forte apresentação da morte de Jesus podia nascer um cântico apaixonado, como por exemplo a «Crucificação» que parece que é obra de Charles Meaver, um nobre escravo — antigo chefe africano — e que morreu às mãos de um senhor branco.

Ó! foi um erro e uma vergonha!
assim diz o cântico, em surdina, e o coro murmura:

E não disse uma palavra de lamentação!

Seguidamente, começa a história, ponto por ponto, enquanto o coro responde com recolhida comoção, alternando a narração com sussurros de dolente máguia:

*Crucificaram o meu Senhor
E não soltou uma palavra de lamentação.*

Como nada se fazia para os instruir, os negros eram analfabetos. O único meio que tinham para aprender a Bíblia era cantar-lhes as histórias, alternando com a pregação, num coro dialogado com um a solo.

Assim o pregador começava:
Josué fez a batalha de Jericó.
e a assistência fazia eco, ritmando com entusiasmos:

*Jerico! Jerico!
Josué fez a batalha de Jericó!*

O pregador continuava a narração. E no fim, todos concluíam, alegremente:

E as muralhas caíram a rolar!

Ou então o pregador entoava:
Quando Israel estava no Egipto...
a assembleia interrompia-o para suplicar:

Deixa sair o meu povo!

Deste modo eram «lidos» e «cantados» na linguagem corrente, as narrações bíblicas, uma vez que aquele povo não sabia ler nem escrever.

Verdadeiramente, naquele tempo a Palavra do Senhor era preciosa!

Os serviços religiosos deram origem a muitos destes cantos. O ritual variava, segundo os pregadores, mas, em geral, seguia-se, mais ou menos, um esquema comum. Começava-se com um hino, continuava-se com a oração, à qual se seguia «a leitura» da Palavra. Vinha depois o sermão. Também muitas vezes, este era cantado; de qualquer modo, era sempre em forma de diálogo. A congregação fazia um pouco a parte do coro grego, fazendo perguntas e comentários, ou elevando devotas exclamações de maravilha e de louvor.

O pregador respondia e levava a assistência à adoração, através das narrações da Bíblia, por vezes, de maneira longa e minuciosa. Muitos destes sermões ainda hoje se conservam e constituem cantos espirituais, como por exemplo: «Ossos secos»; «Ezequiel viu a roda»; «Jonas e o peixe», etc.

Mas, como estes textos nunca foram escritos, há várias versões e algumas com bastantes diferenças.

(Continua na pág. seguinte)

NOTÍCIAS DO CAMPO

Depois do sermão toda a assistência continuava a cantar, até ficarem exaustos. Os cristãos negros não dançavam, embora o seu sentido inato do ritmo fosse enorme e arrasasse tudo. É esta a fonte dos «cantos a tempo de marcha», por meio dos quais, na simplicidade da sua fé e no fervor da sua fantasia, chegaram a representar as histórias da Bíblia, levantando-se e marchando em torno do aposento, personificando o povo de Israel que abandonava o Egípto, ou peregrinava pelo deserto.

E que dizer da música que revestia de notas aquelas belas palavras tão comoventes?

Os estudiosos afirmam que a música dos espirituais negros tem origem nos costumes das tribus negras, como se deduz das pausas e dos ritmos que a caracterizam e sobretudo com o alternar-se dos que cantam «a solo» com o coro. Roland Hayes diz que cantou, em Londres, a nativos da África, «espirituais» que tinha aprendido, quando era criança, na Geórgia. Imediatamente, os ouvintes se lhe uniram na sua própria língua, o que lhe fez notar as características africanas dos seus cantos americanos.

«A incomparável liberdade da linguagem de Bach na sua «Paixão de S. Mateus» e o seu estilo musical e poético, encontram o seu correspondente no espírito religioso e nas manifestações espontâneas desta raça musical» — afirma Hayes em *My Songs* (1948: Little, Brown & Company, Boston).

Este pensamento é ligeiramente desconcertante e talvez nos leve um pouco longe, mas é digno de ser tomado em consideração.

«Há uma afinidade espiritual entre os meus cantos e o estilo do grande maestro alemão» — continua o cantor negro; «é certo que o êxtase e o abandono de alguns arrebatamentos de adoração que se encontram na música de Bach, não são mais intensos e mais pessoais do que simples e comoventes expressões, como estas: «Estavas tu, quando crucificaram o meu Senhor?»; ou: «Vamos partir o pão, ajoelhados».

Longe de ser pavoroso o pensamento da morte era de grande con-

PORTALEGRE E NISA

Nos dias 13 e 14 de Janeiro, respectivamente, tiveram estas igrejas a alegria de receber a visita do pregador Irmão Samuel Ribeiro na sua activa campanha de evangelização contra o fumo e o álcool, campanha esta que veio dar um grande impulso e novas perspectivas ao nosso esforço evangelístico nestas igrejas, despertando a consciência de muitas almas quanto ao perigo do uso destes insidiosos venenos sociais tão generalizados e tão prejudiciais ao homem.

Apesar das atracções do Domingo, tivemos em Portalegre uma boa assistência para o que muito con-



forto para os cristãos negros. Assim orava um cantor negro:

*Ó Senhor, faz com que o meu carro
[siga veloz...
Jesus, prepara tu mesmo o meu leito
[de morte!...*

Um outro cantava:

*Quero estar pronto
E ir a Jerusalém, tal como João.*

Por causa da sua forte característica rítmica, da sua melodia e do seu *folklore*, os cantos espirituais negros tornam-se uma presa fácil de alterações, pelo que, muitas vezes são usados por directores de orquestras de baile.

Também os bailarinos se aproveitam da popularidade destes cantos para os usarem para os seus objectivos e para escreverem outros cantos, mais ou menos do mesmo género, mas que nada têm de espiritual e que são apenas doentiaamente sentimentais.

Ora a verdade é que nunca foi esta a função dos cantos espirituais negros. Mas também estes abusos não são capazes de tirar aos autênticos cantos de Sião a sua força espiritual e a sua verdade. E o crente que os entoar, encontrará nelles verdadeira alegria e bênção.

tribuiu o bom esforço dos nossos prezados Irmãos, que tanto em Portalegre como em Nisa nos ajudaram na distribuição dos convites especiais. Muitos amigos e simpatizantes sentiram-se profundamente abalados não só por aquilo que lhes foi dado escutar como igualmente por aquilo que puderam ver na passagem do filme «Um em Vinte Mil». Finda a reunião vários deram o nome e endereço exactos no desejo de pudermos ler em suas casas o resumo da conferência feita pelo nosso Irmão. Um jovem assinou o voto de temperança. Contudo outros se têm manifestado posteriormente como é o caso de dois visitantes ocasionais que em virtude desta reunião, abandonaram o fumo!

Em Nisa, tivemos uma assistência superior a 220 pessoas! Há muito que esta igreja não tinha uma assistência tão grande. Apesar da falta de lugares, todos manifestaram a máxima atenção durante a reunião. Que se tratava de uma atenção espontânea disso temos a certeza quando, no fim, dezenas de assistentes manifestaram igualmente o desejo de possuírem um resumo do estudo que lhes fora feito. Em consequência disto, ou melhor, da atenção prestada, oito cavalheiros permaneceram na sala até que todos saíssem a fim de darem a sua adesão ao voto de temperança: abandono total do uso de bebidas alcoólicas e do cancrogénio tabaco!

Possa Deus continuar a abençoar os resultados destas excelentes e proveitosas reuniões e que o abandono destes vícios perniciosos seja para estas almas o começo de uma vida vitoriosa no corpo e no espírito e lhes abra o caminho para compreenderem e aceitarem as excelentes verdades da Salvação!

Ao Prezado Irmão Samuel Ribeiro, as igrejas de Portalegre e Nisa agradecem sinceramente o bom e valioso auxílio que lhes foi concedido no esforço de salvar almas para o Reino de Deus.

Artur de Oliveira